

JOSÉ JORGE LETRIA

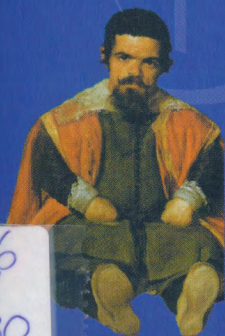
Grande Prémio de Teatro - 1997

da Associação Portuguesa de Escritores / Ministério da Cultura

NOITE DE ANÕES

seguido de:

Com a Pistola de Antero e
Exílios do Coração




HUGIN

16
/
80

164-30
33-61

JOSÉ JORGE LETRIA

Grande Prémio de Teatro - 1987
da Associação Portuguesa de Escritores e Ministério da Cultura

NOITE DE ANÕES

tradução de
Cristina Tórtola de Almeida
e de Maria do Carmo

Prefácio de
Luiz Francisco Rebello

colecção
DRAMATURGIA

sob a orientação de Luiz Francisco Rebello

16-1-80
37051

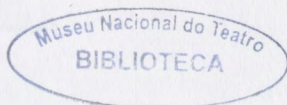
JOSÉ JORGE LETRIA

Grande Prémio de Teatro - 1997
da Associação Portuguesa de Escritores / Ministério da Cultura

NOITE DE ANÕES

seguido de
Com a Pistola de Antero
e Exílios do Coração

Prefácio de
Luiz Francisco Rebello





Editor: Hugin - Editores, Lda.
Apartado 1326 - 1009 Lisboa Codex
Tel.: (01) 813 01 39 - Fax: (01) 814 42 12
Email: hugin@esoterica.pt

Grafismo: Júlio Sequeira

Composição e maquetagem: Hugin Editores, Lda.

Montagem, impressão e acabamento: Sociedade Astória, Lda.

ISBN: 972-8534-08-6

Depósito Legal: 140740/99

Primeira edição: Setembro de 1999

© 1999, José Jorge Letria

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor

PREFÁCIO

Escrevendo sobre a poesia de José Jorge Letria – em que poderá ver-se o segmento mais significativo da sua vasta e multímoda obra – observou David Mourão-Ferreira, com a argúcia que lhe era habitual, que nela se operava “uma incessante reflexão metapoética ou, melhor, uma incessante transformação do intertexto em metatexto”; e de facto, a reiterada interpelação de outros poetas, de Camões a Cesário, de D. Dinis a Pascoaes, de Nobre a Pessoa, ou de pintores e músicos, esses “oficiantes da luz” (título de um dos seus livros de versos) e de sons, o diálogo com eles travado, conduzem a uma verdadeira recriação poética, que se desprende dos modelos preexistentes e ganha vida própria. Sem dúvida, outros poetas se terão inspirado em e glosado ou evocado outros poetas (quem se não recorda dos versos de Carlos Drumond: “Estes poetas são meus. De todo o orgulho / de toda a precisão se incorporaram / ao fatal meu lado esquerdo. / (...) São todos meus irmãos.”) e outros músicos ou pintores (como Jorge de Sena em, respectivamente, “Arte da Música” e “Metamorfoses”). Nenhum, porém, o terá feito de forma tão sistemática, tão recorrente, como José Jorge Letria.

E tanto assim, que da poesia o processo se estendeu ao teatro, que ele tem vindo a cultivar regularmente desde 1991 (se esquecermos uma desgarrada incursão em 1980 com o monodrama populista “Das Tripas Coração”), ou seja, quase vinte anos após a publicação do seu primeiro livro de poemas, “Mágoas Territoriais”, de 1973. Na quinzena de peças que em tão curto lapso de tempo escreveu e, na sua maioria, fez publicar, também se assiste à mesma interpelação/convocação de

curantismo, da mesquinhez, da intriga, da mediocridade e da vileza". Não, ou não apenas, expressa em palavras, essa ideia, mas assumida em acto, encarnada em personagens dotadas de espessura dramática, mostrada em situações-limite, como é de exigir no teatro.

Sentindo o fim aproximar-se, Oliveira Martins compara-se a Afonso VI, protagonista da última peça que escreveu, "sufoçado pela solidão das quatro paredes (da sua) cela", e diz à mulher: "Talvez algum poeta ferido pelas mágoas da noite e pela morte dos sonhos queira fazer da minha morte um outro teatro. Quem sabe se quer pôr nele, inteira, a minha geração vencida".

O vaticínio cumpriu-se com estas peças. Mas não só em relação à geração dos "Vencidos da Vida": também às que a antecederam e lhe sucederam. O teatro de José Jorge Letria é o palco onde confluem, e mutuamente se interrogam e se respondem, o Portugal de ontem, o Portugal de hoje e o Portugal futuro que, como as suas personagens, sonhamos.

Luiz Francisco Rebello